

# Laboratório de Arquitectura II

Limites e Transições

Leonel Mataca Massava Suizane Walle

## ÍNDICE

<b>Lugar</b>	Fotografias da maquete 1:1000 Desenho de enquadramento das propostas 1:1000  Citação / abordagem conceptual
<b>2ª Fase</b>	<b>Calçada das Necessidades</b>  <b>Proposta</b> Imagem de referência Esquiço de síntese Fotografias da maquete 1:200 Plantas e perfis 1:200 Fotografia da maquete de um espaço relevante 1:50 Desenho(s) complementar(es) / visão serial Fotografias das maquetes de trabalho (várias escalas)
<b>1ª Fase</b>	<b>Rua do Borja</b>  <b>Proposta</b> Imagem de referência Esquiço de síntese Fotografias da maquete 1:100 Planta e perfil de conjunto Fotografias da maquete 1:50 Desenho(s) complementar(es) / visão serial
<b>Processo</b>	Desenhos exploratórios mais relevantes
<b>Leituras</b>	Quatro textos
<b>Comentadas</b>	

**Lugar**

**Fotografia 1**



planta de enquadramento 1:1000

*“ Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Vestibulum commodo sodales faucibus. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Vestibulum quis nibh sed nulla viverra gravida. Proin faucibus finibus fringilla....”*

*Autor*

# **2ª fase**

**calçada das necessidades**

**Proposta**



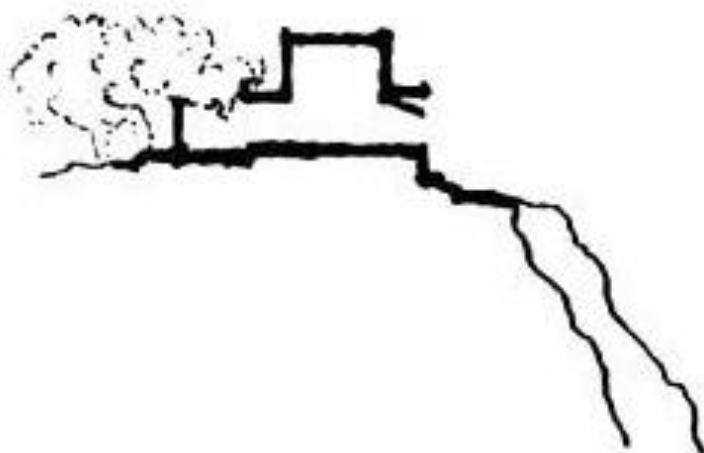
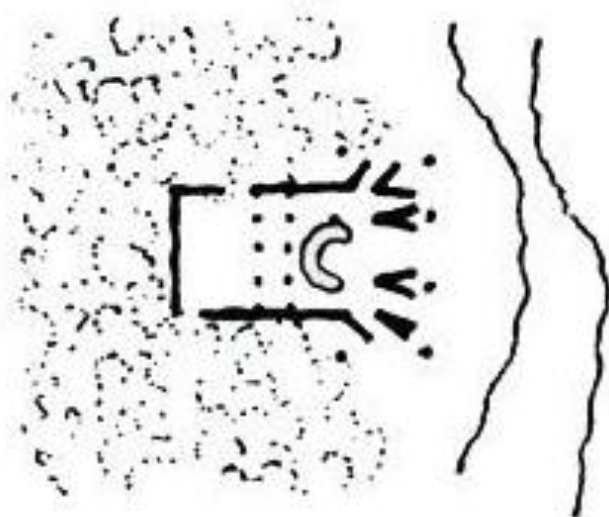


**Imagem referência 1**

nome da obra, autor

**Imagem referência extra**

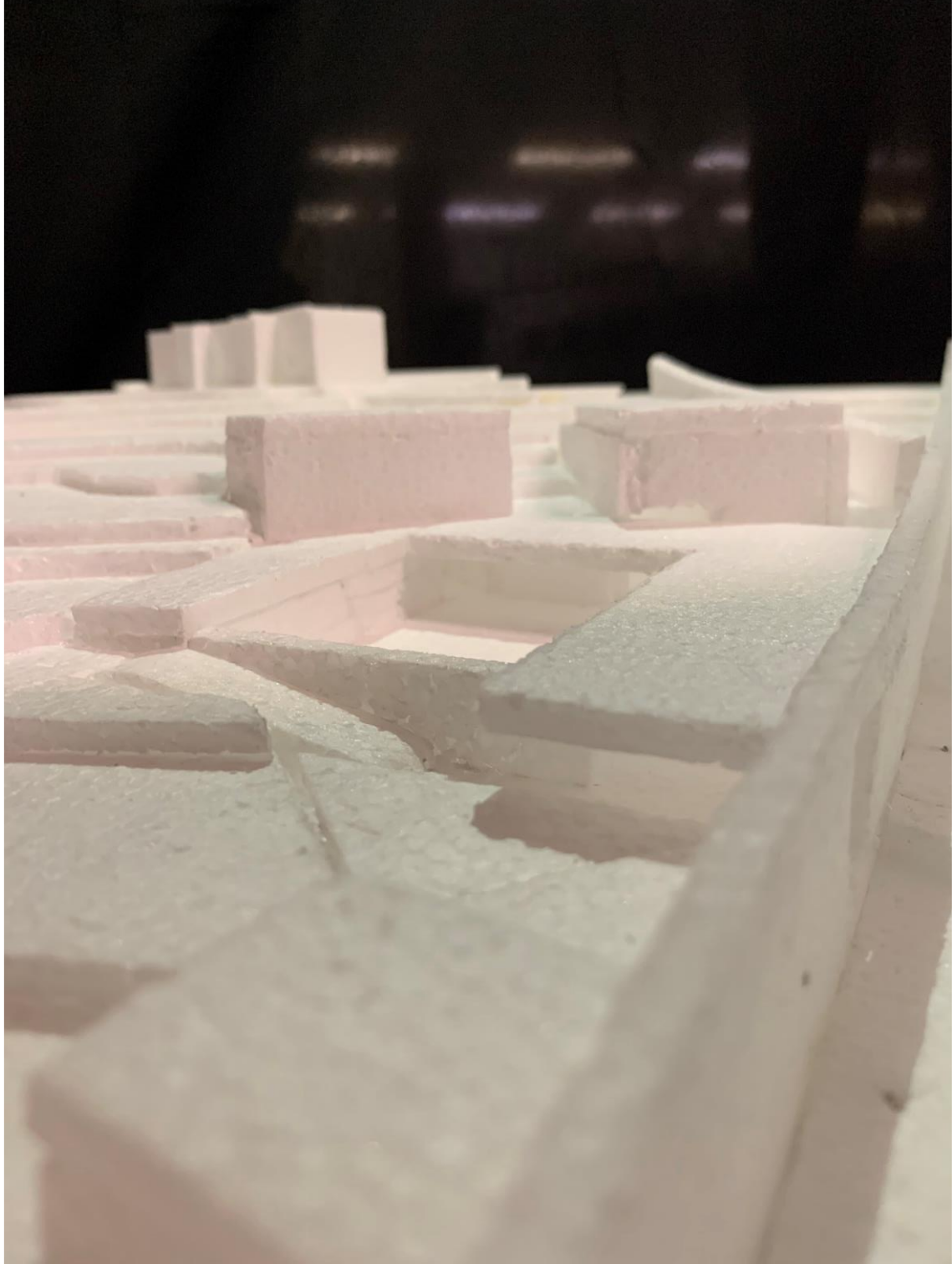
nome da obra, autor



esquiço síntese

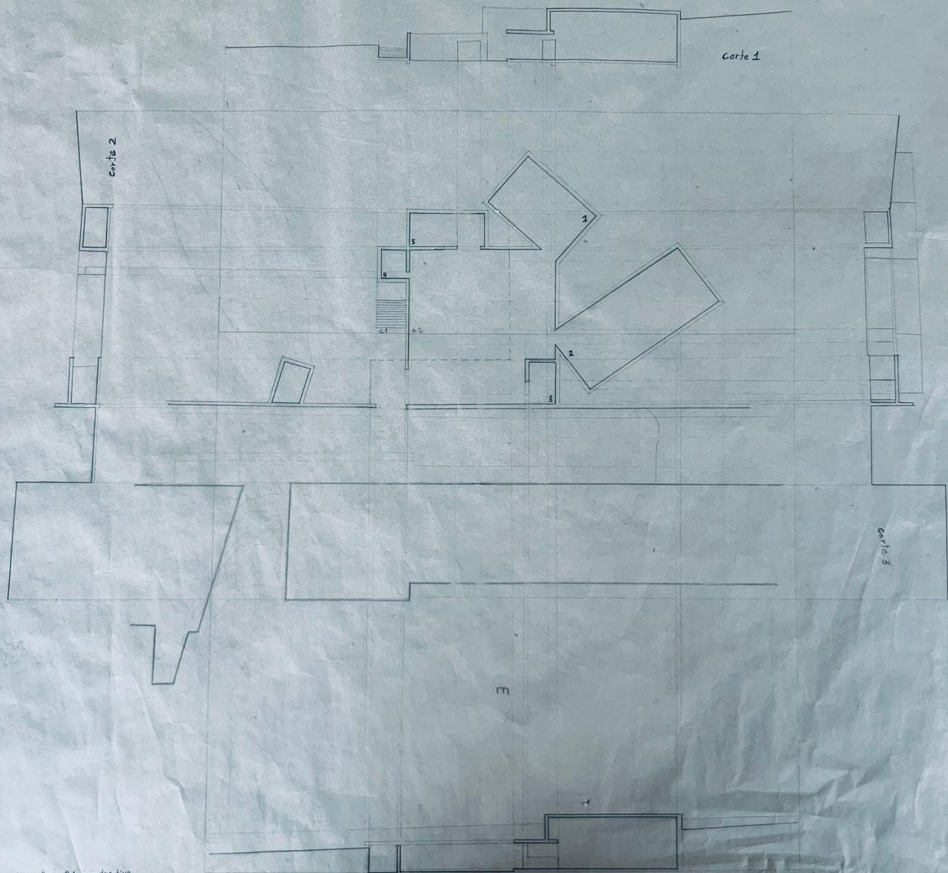




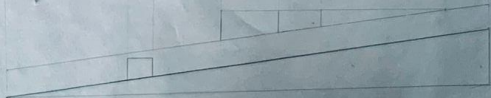
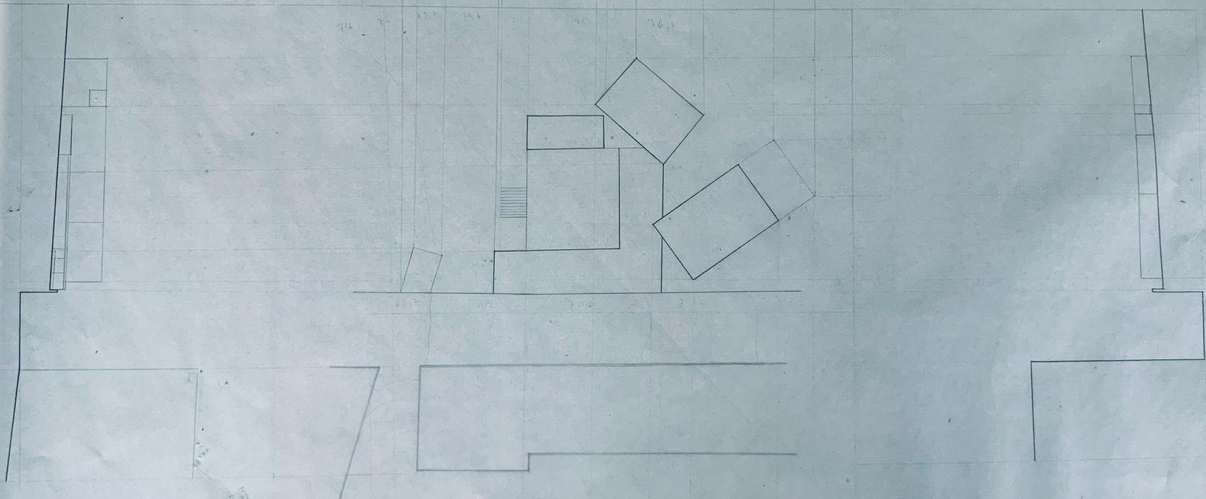
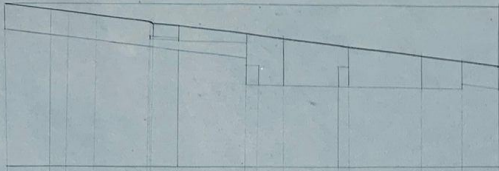




1- Espaço de leitura 2- Espaço pedagógico 3- Apoio Administrativo  
4- Apoio Serviços 5- Café  
at: 10000 10000 at: 10000

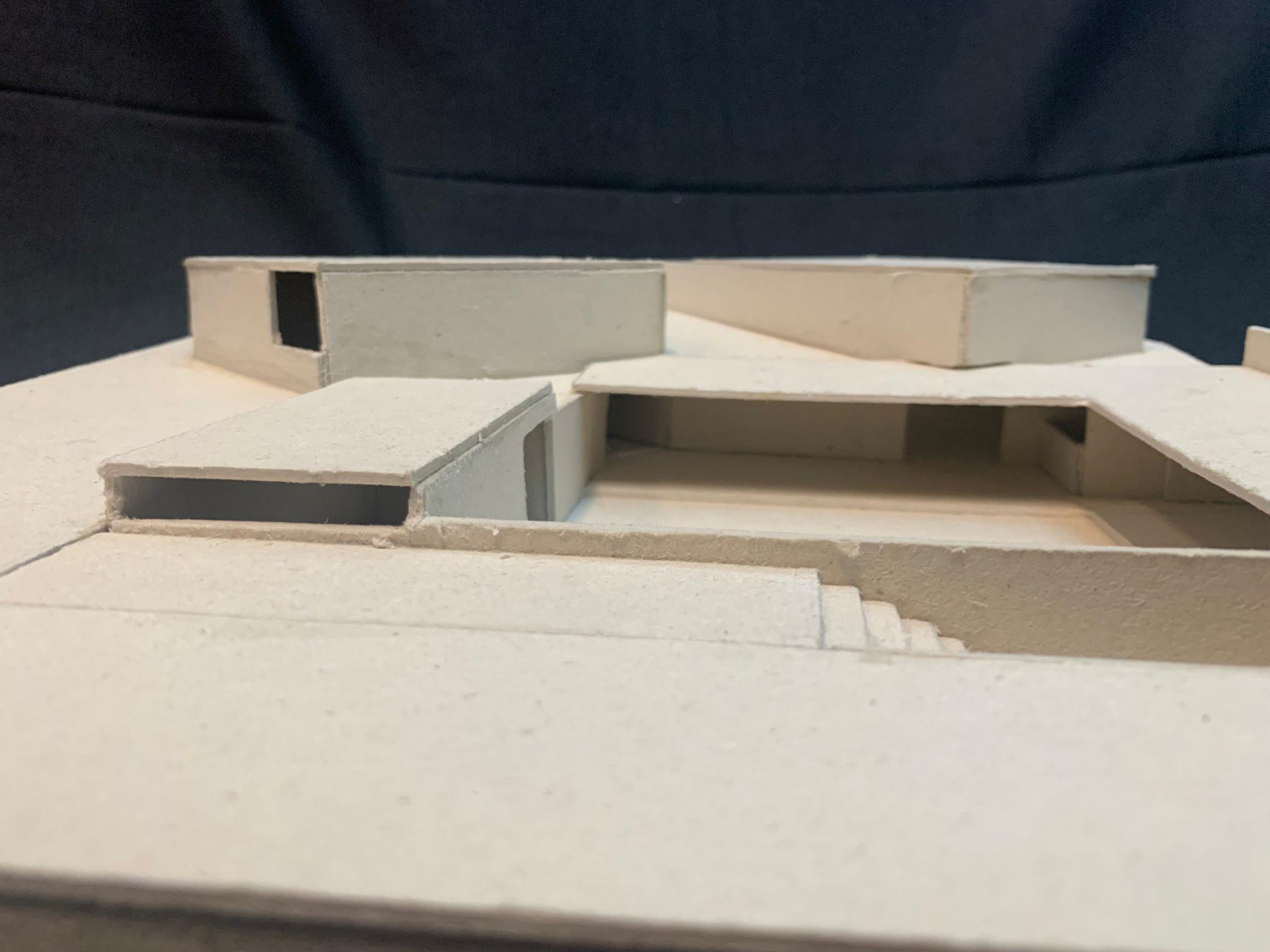


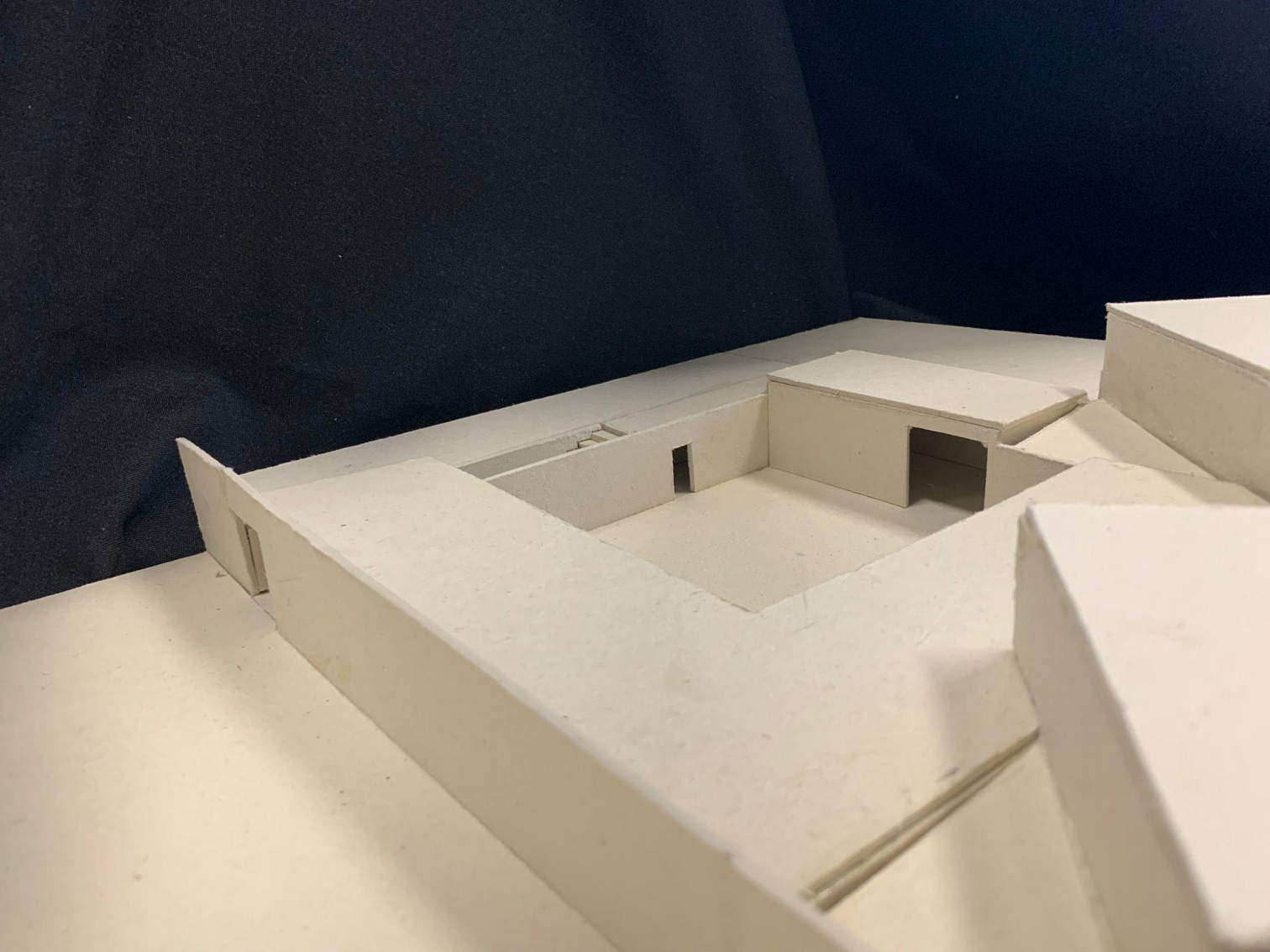
planta e perfil de conjunto 1:200



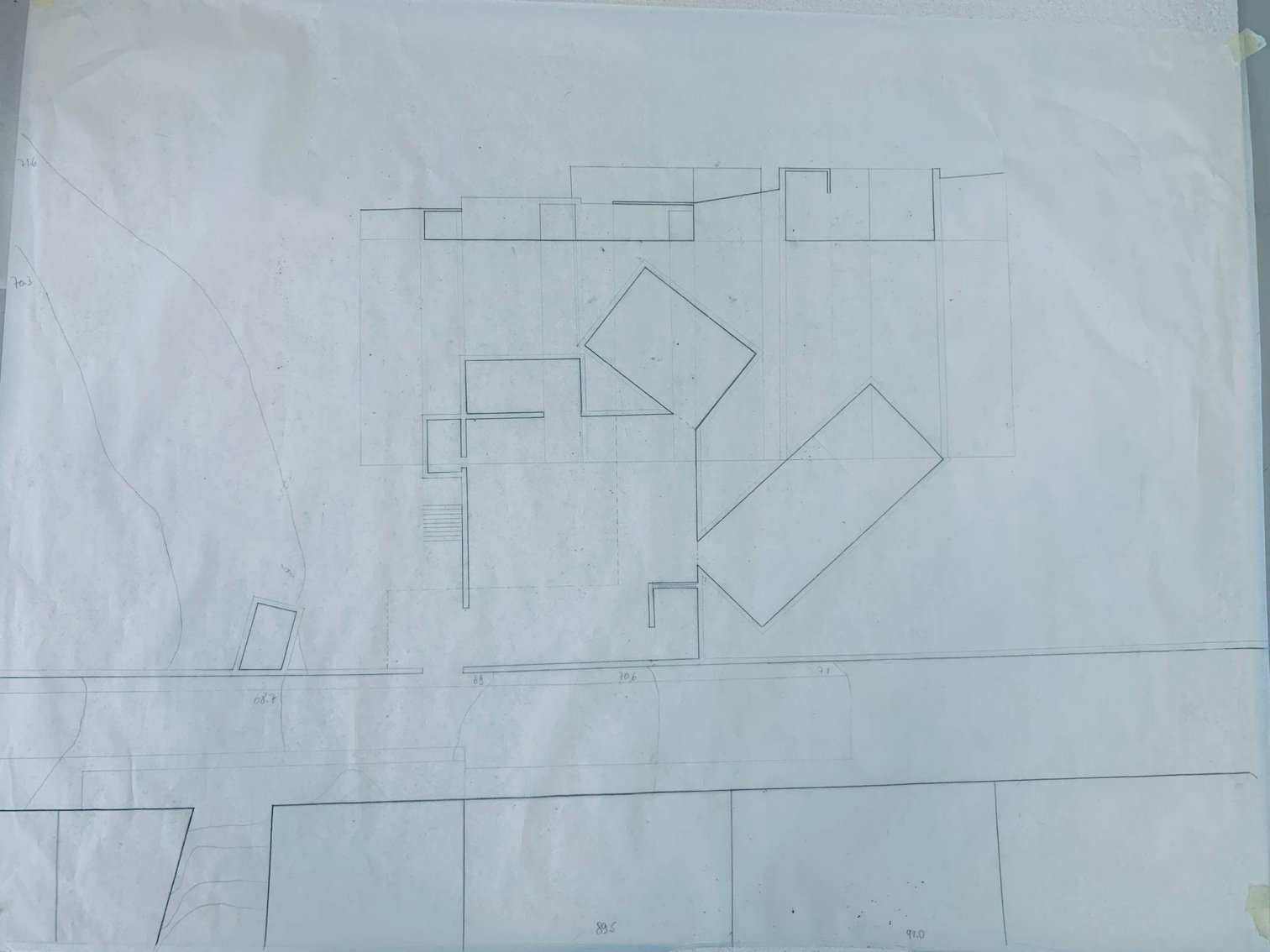




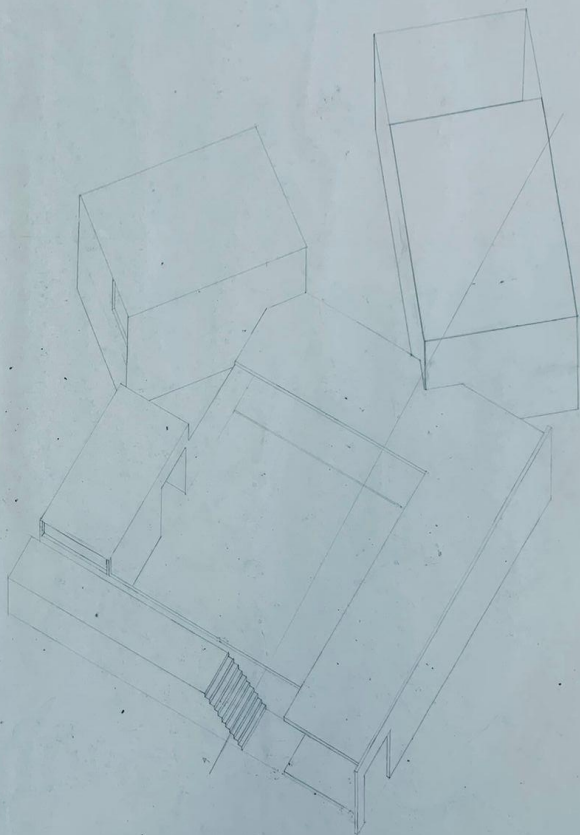
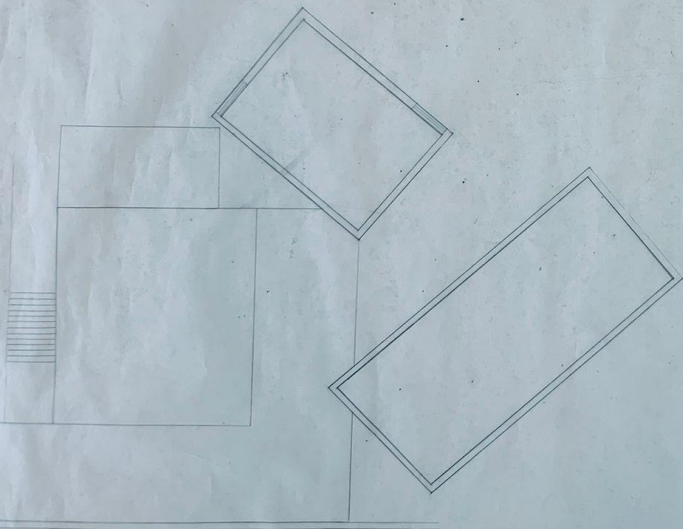
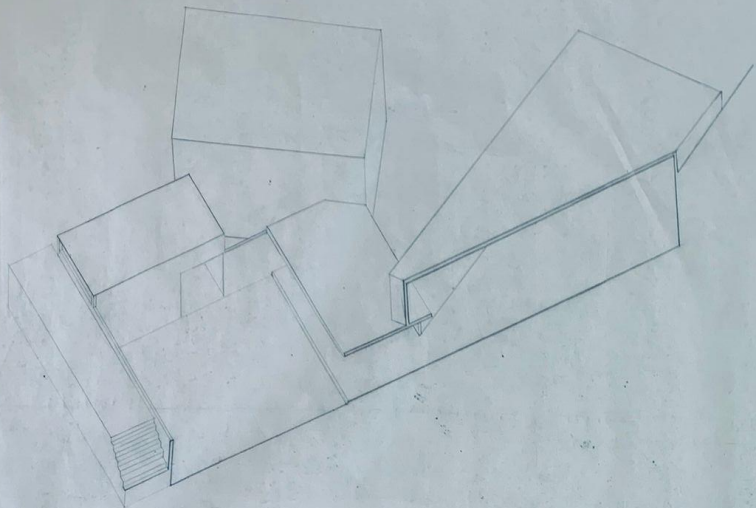


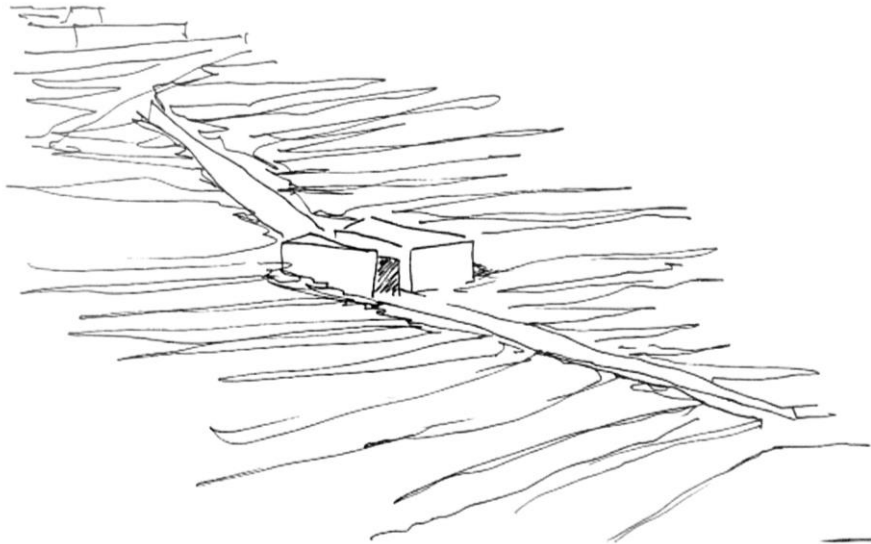




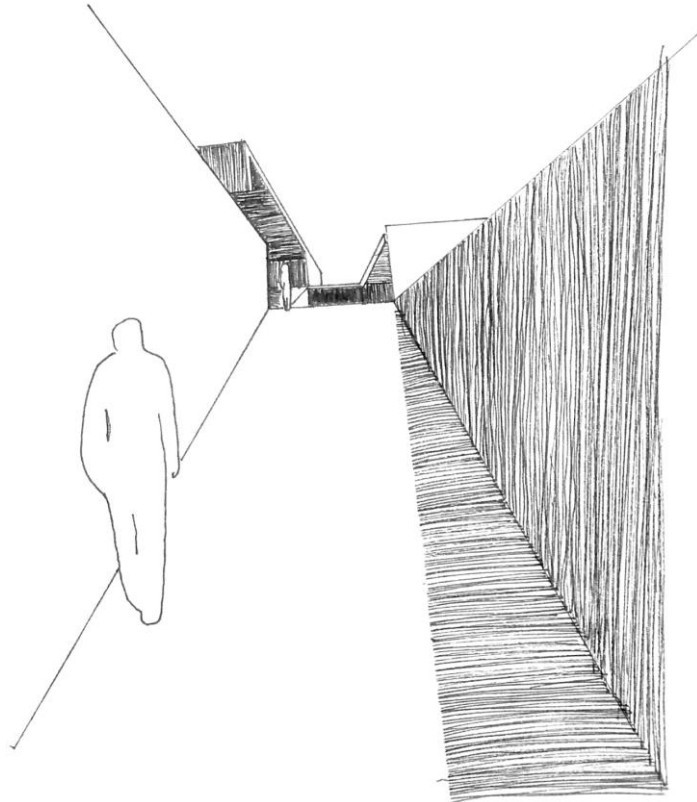


perfil atmosférico 1:50

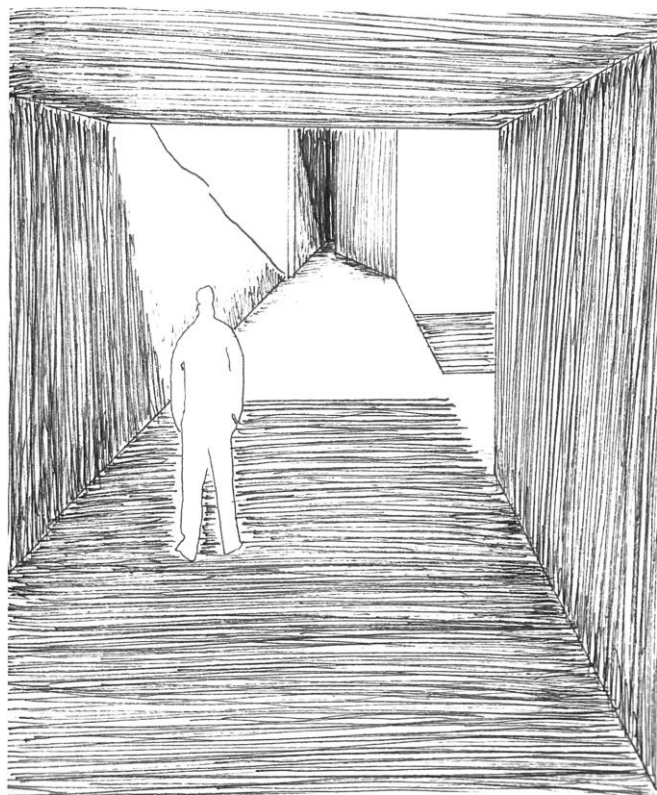




visão serial

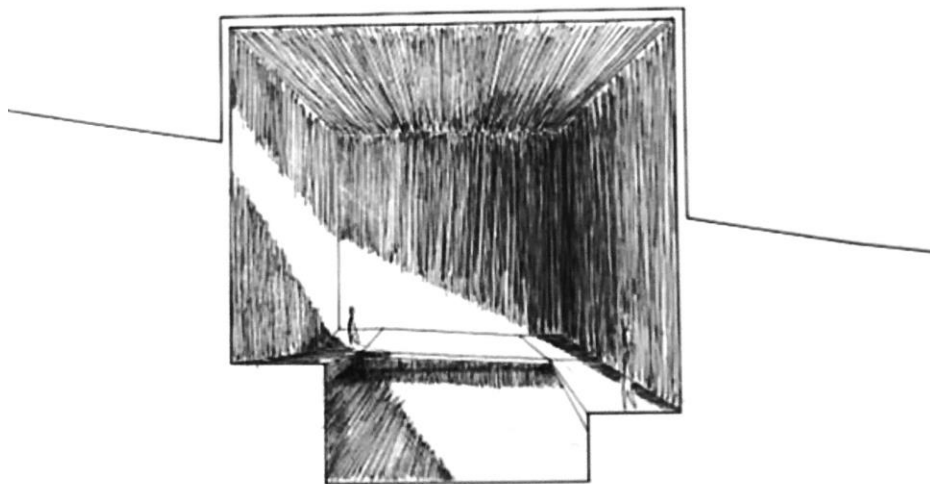


visão serial



visão serial



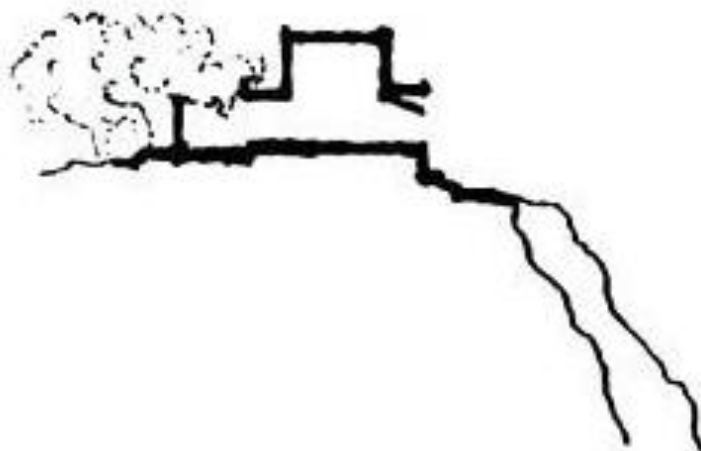
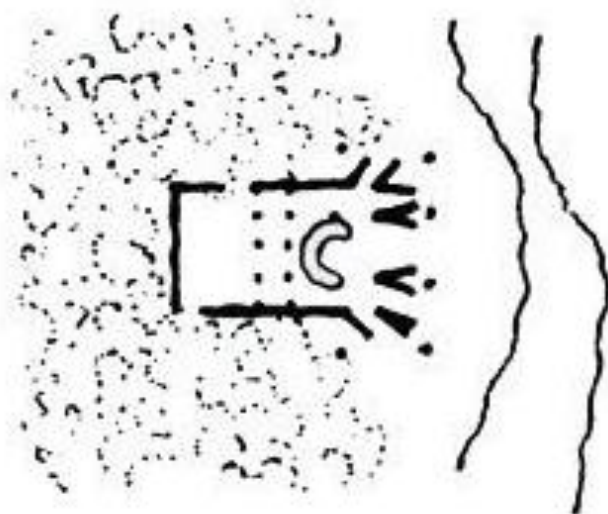


visão serial

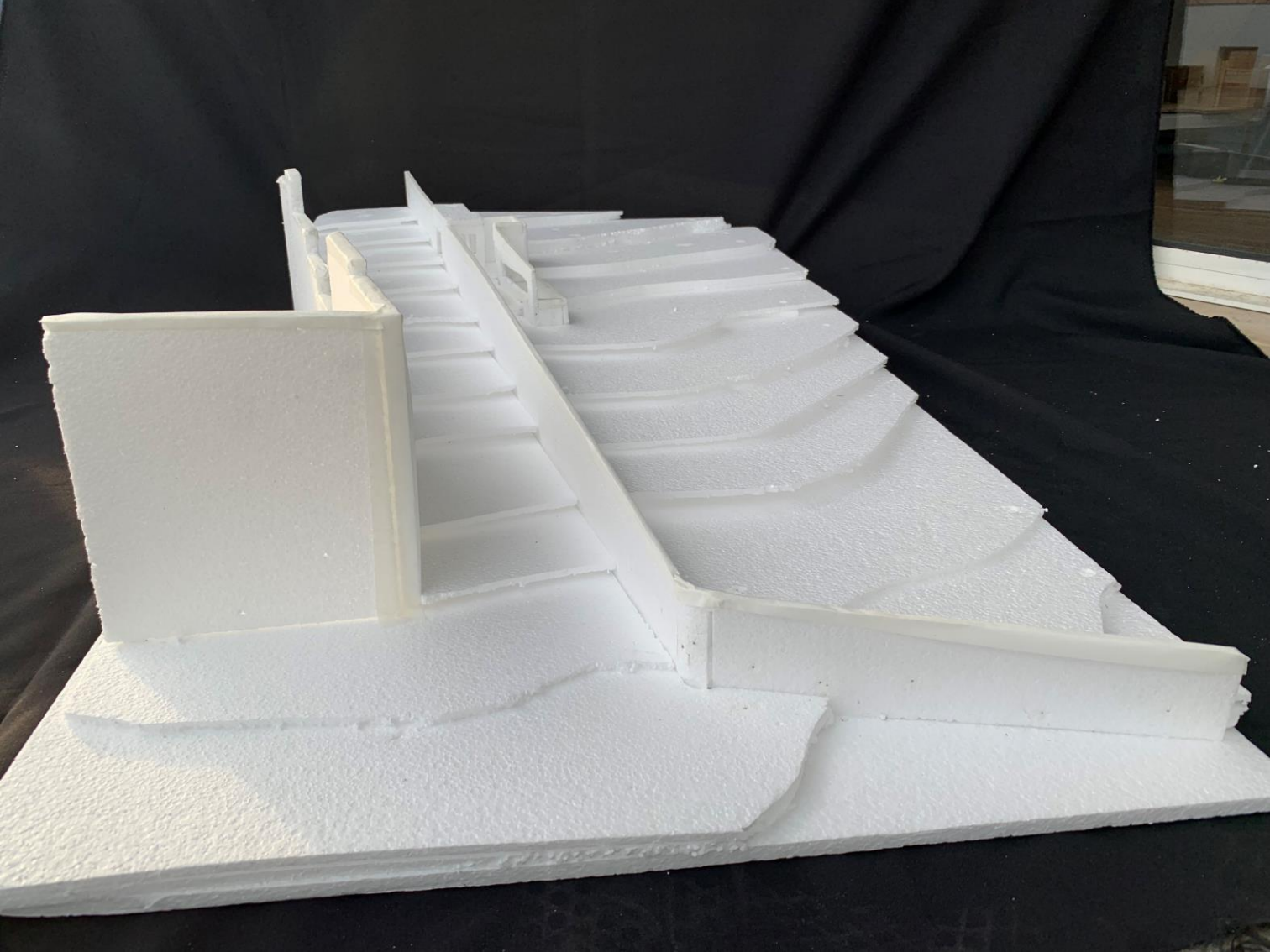
# 1ª fase

rua do borja

**Proposta**



esquiço síntese









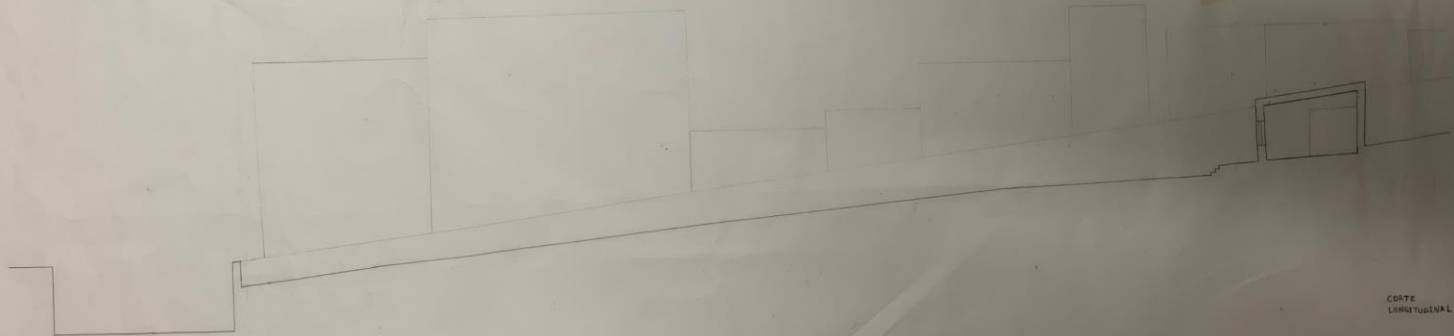


planta cortes e alçado 1:100



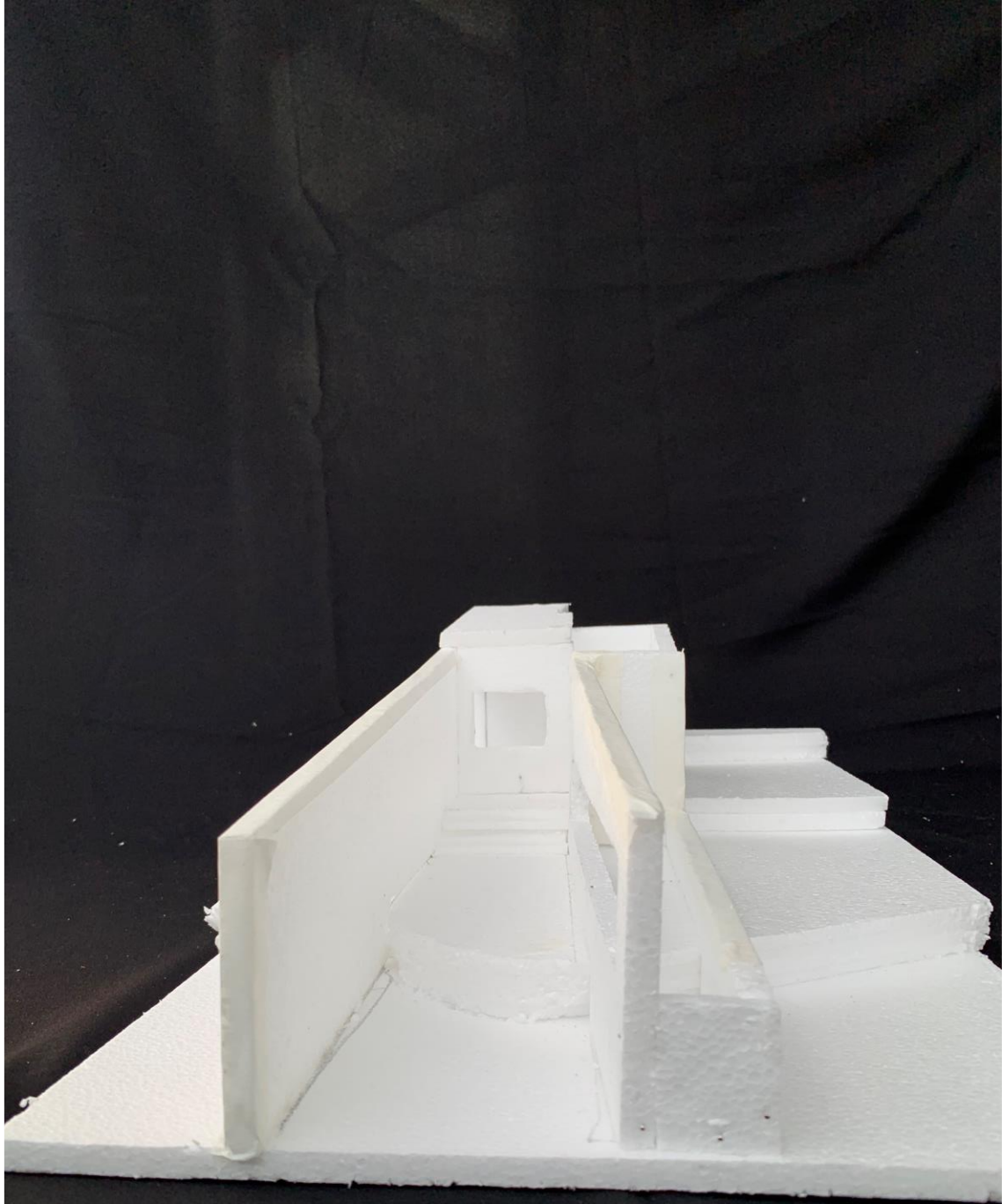


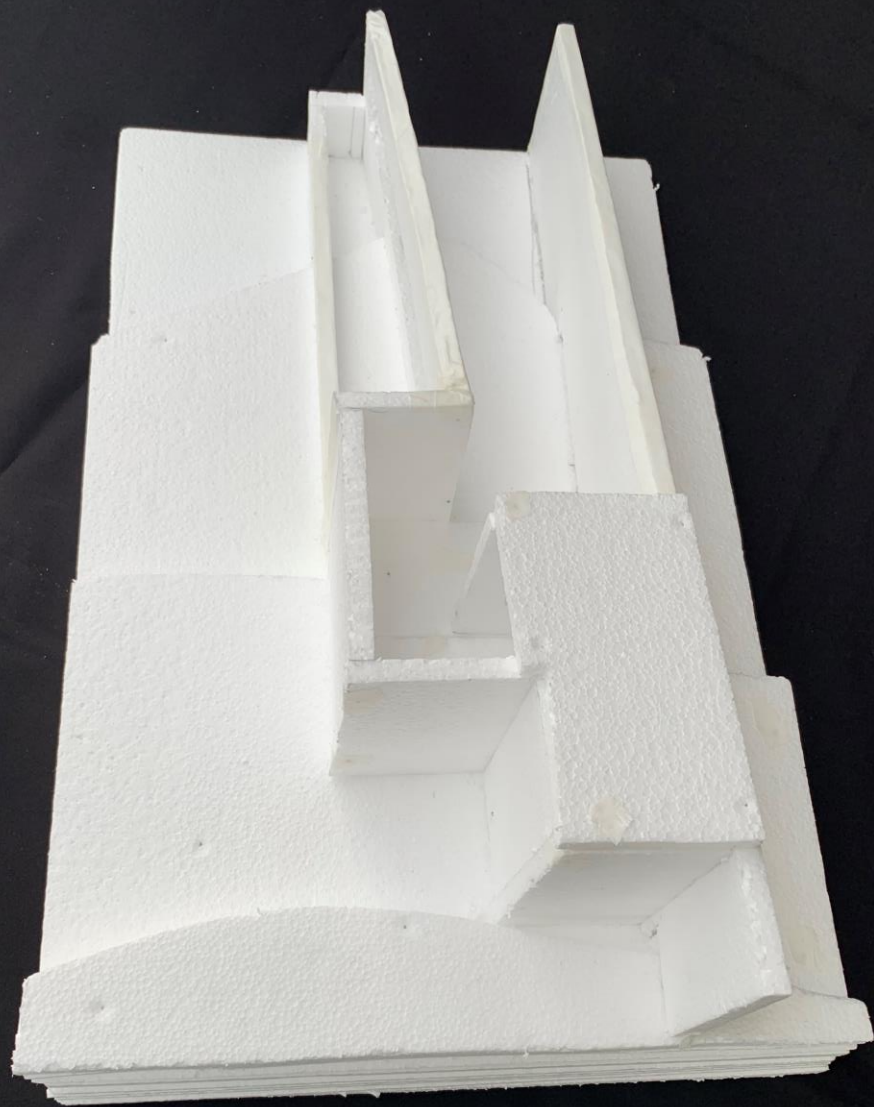
CORTE  
TRANSVERSAL



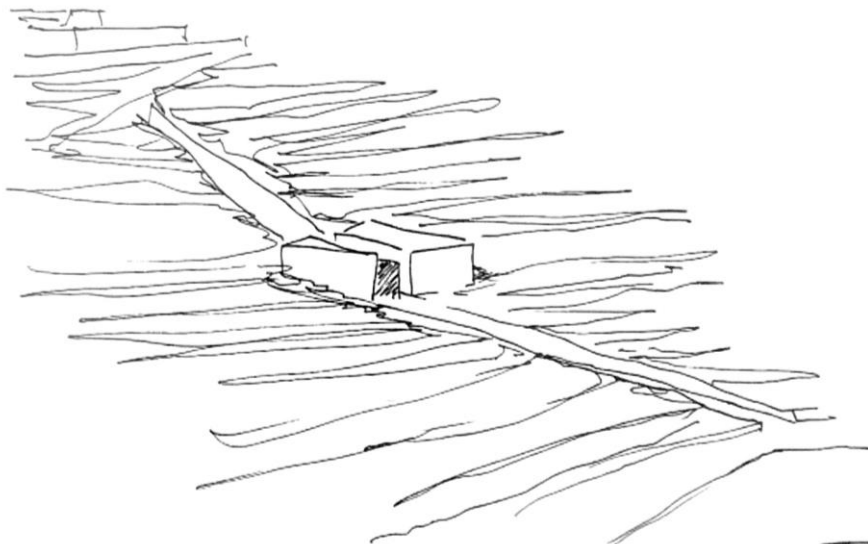
CORTE  
LONGITUDINAL



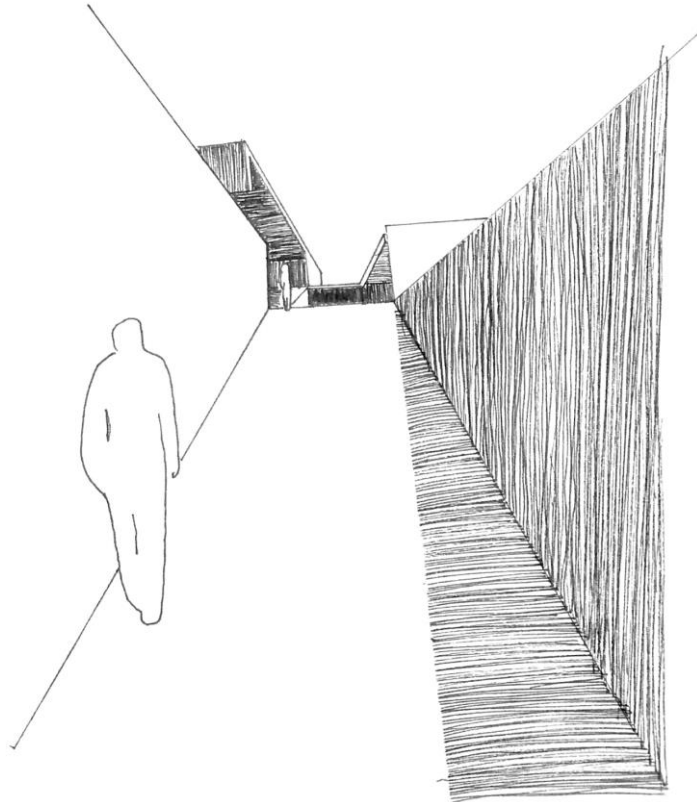




desenho(s) complementares

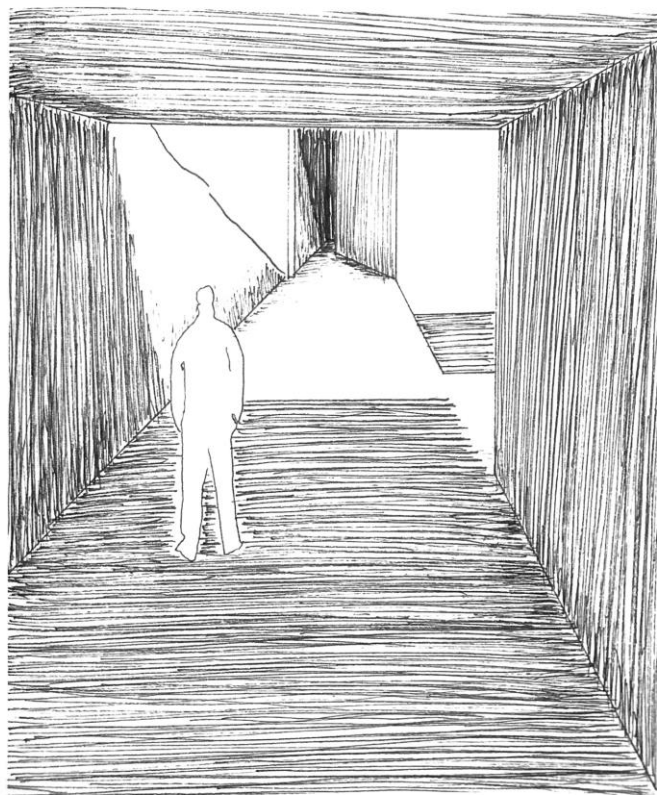


visão serial



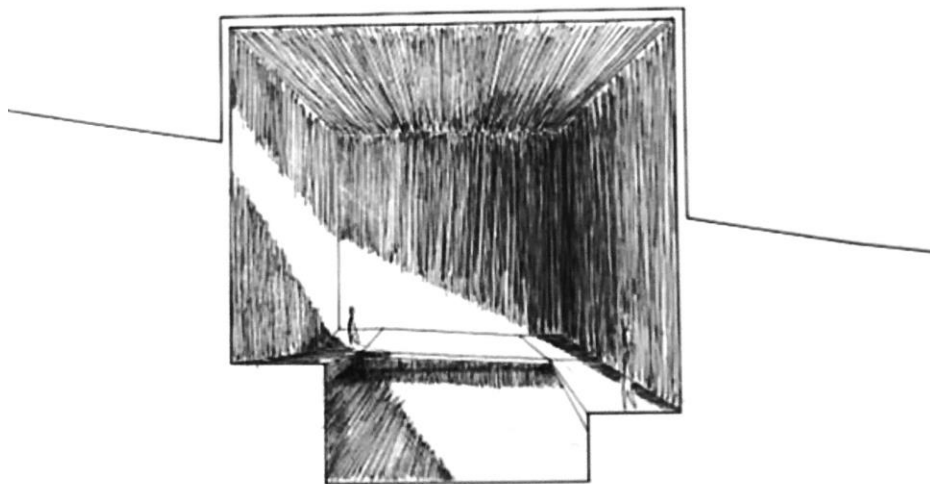
visão serial





visão serial





visão serial

**Processo**

**2ª fase**

**calçada das necessidades**



**1ª fase**  
**rua do borja**



# Leituras Comentadas

Mesmo assim penso que este problema e sua resolução vão para além disso. Em caso algum não é incremento quantitativo da colaboração das três artes que nos leva ao mesmo do problema. Quando o Doutor Ernesto Rogers me pôs perante a questão da «relação entre a arquitetura e arte abstrata (arte concreta)» eu creio que talvez seja o caminho para nos aproximarmos do fundo do problema. É um facto que não se pode negar. Por um lado, a arquitetura tem também fornecido matéria para a arte abstrata. chegamos portanto, mesmo nos nossos tempos a duas artes que Quando pessoalmente tenho que resolver quaisquer problema de arquitetura, veio-me constantemente, quase sem exceção, perante um obstáculo difícil de resolver, uma espécie de «coragem juntamente com os movimentos de massas humanas e indivíduos, assim como criações internos tudo isto forma um labirinto complexo que não pode ser decodificado por um processo adicional ou mecanico. O número imenso de várias exigências e problemas constituem uma barreira que dificulta o aparecimento da ideia básica arquitetónica. Desenho por instinto, não faco sínteses de arquitetura, muitas vezes os meus esboços parecem-se com composições infantis, e deste modo. paisagens montanhosas, fantásticas, com encostas fluminadas por muitos sois em posições diferentes, os quais gradualmente deram origem à ideia principal do edifício da Biblioteca. Os meus desenhos de criança eram apenas muito indiretamente relacionados com a ideia arquitetónica, mas de qualquer modo De qualquer modo penso que a maior parte dos seus colegas saberão do que falo quando têm que resolver problemas semelhantes. Os exemplos que mencionei não eram, Apenas as menciono para demonstrar a minha crença instictiva de que a arquitetura e as artes livres têm uma origem comum, uma origem que é de qualquer modo. Corri isto ele queria dizer que os trabalhos tiveram uma origem prática, mas o resultado final trabalhos como puras unidades de arte abstrata que, no contrário da arte não-material em geral, na sua opinião, poderia provavelmente encontrar utilidade prática algures no futuro. Mas a minha opinião pessoal e emotiva é que a arquitetura e os na sua forma adulta, não nasceram mesmo no mar ou na água Nascem a centenas de milhas de distância, longe do seu meio-ambiente, onde os rios se estreitam em pequenos ribeiros, em regatos cristalinos entre quedas de água, quando das primeiras gotas do descongelamento, tão remotas da sua vida normal como o instinto e emoções humanas se Assim como é necessário tempo para um peixe se desenvolver na sua forma adulta, também nas precisamos de tempo para tudo o que se desenvolva e cristalize no mundo das ideias. A arquitetura exige mais tempo do que qualquer outro trabalho criativo. a minha experiência é que o que pode parecer apenas um mero jogo de formas, pode subitamente, apos um longo período de tempo, conduzir ao aparecimento de uma forma arquitetónica prática. Mas o produto final é mármore e não uma cópia naturalista deste processo. a principal propriedade da arte abstrata é a natureza humana na sua forma mais pura dizia um pintor checoslovaco, quando lalava comigo, no meu atelier. Na melhor das hipoteses a arte abstrata é o resultado de um processo de cristalização. Talvez seja a razão porque é apenas compreendida através dos sentidos, embora nela e por detrás dela se encontrem muitas vezes ideias construtivas e o entrelaçar de fadiga humana. Evidentemente que tudo isto não se aplica a formas de arte livre comercializadas e vulgares, que presentemente, como sempre florescem como parasitas. Parece me que estamos já a caminhar para uma relação entre as artes, e que esta relação pode ser considerada como uma teia que combina as «três artes» na sua origem, deste processo de combinação mas isso não diminui o seu valor.



apropriada, o que, na minha opinião, significa que ela deve reconhecer, tanto num sentido positivo quanto negativo, os atributos do lugar. passo do processo que o arquiteto segue quando começa a projectar um edifício. aprender a ouvir o murmúrio, o rumor do lugar, é uma das experiências mais necessárias para Distinguir entre os atributos do lugar que devem ser artefacto estruturalmente imóvel emerge como um edifício construído, e todos os que Devo agora deixar registado que o facto de uma arquitetura ser de homens e mulheres de transformar e criar uma paisagem que se torne um quadro Por outras palavras, o facto de uma arquitetura ser adequada pode exigir a formulação de uma determinado lugar, não significa uma resposta automática, imediata. Como dizia, esse diálogo inevitável entre o lugar e o momento em que nele se constrói termina Contudo, dizer que uma arquitectura apropriada era o que decorria da especificidade do lugar, que a arquitectura pertence ao lugar, não é tentar sugerir que a Resisto, portanto, a uma concepção do lugar simplesmente como um sítio favorável que vê a arquitectura, as ideias arquitectónicas nas quais a construção se conceber e compreender as coisas reduziria a relação real e íntima que existe entre o lugar e o Eu estaria disposto, no entanto, a considerar o lugar como o primeiro material Muito embora os lugares sejam mais do que simples tramas; são chaves para entender a direção que tomou o processo de construção de um edifício. O lugar é uma realidade expectante, sempre à espera do acontecimento que significa a construção sobre ele. posso do lugar, porém, como contrapartida, o construído contribuirá para a compreensão de Em justa e obrigatória simetria, o lugar permite que os nossos Os arquitectos que se consideram respeitadores do lugar, através do contexto, pretendiam fazer-nos crer que tal respeito se manifestava quando o edifício completava, Em certas circunstâncias, pode ser que o completo, com uma nova construção; mas essa não é a regra. o edifício será mais ou menos ditado pelo que se entenderia como a conclusão de um Entender a relação lugar-arquitectura deste modo, implica arquitetura e lugar quando se constrói. A isto há que acrescentar o modo como o transporte de Parece como se só a ubiquidade do não-lugar existisse; como se a ideia de lugar já não tivesse valor; como se pudéssemos ignorar onde nos encontramos, onde estamos. O modo como entendemos a arquitectura exige, contudo, o lugar. presente como realidade no lugar. É ali – no lugar – onde o tipo de objecto que é um edifício É no lugar que o edifício adquire a necessária dimensão da sua É o lugar que nos permite Por o lugar ser tão inevitável, até os arquitectos que proclamam ignorar e rejeitar a ideia de lugar se vêem Graças ao lugar, a arquitectura permite-nos a todos, homens e mulheres, o prazer de transferir Há, pois, que pensar o lugar como a O lugar, pois, como origem da arquitectura. portanto, como suporte sobre o qual repousa a arquitectura. como consequência, os atributos do lugar, o mais profundo do seu ser, convertem-se em algo arquitectura adquire o seu ser. A arquitectura não pode estar em qualquer lugar.

*The secret lives of buildings*

Edward Hollis

## João Luís Carrilho da Graça

No motivo dos anos setenta, em que tempo comecei a indicar arquitetura propunha continuamente aos' alunos um marcha preliminar de esquadrinhamento da praça de Lisboa e da sua edificação sobre O adjacente das curvas de grau representam a topologia sobre a qual se constrói a praça de Lisboa. Constrói-se ao pé do esteiro do Tejo — disseram-nos que a foz em tempos idade mais a sul, as áreas aluvionares sanado mais novas e imprevisíveis — o promontório do alcácer é distintamente o lugar dominante sobre a poeira e a água. A método quão os pontos notáveis do estado correspondem aos pontos marcados da praça: muralhas, conventos, palácios, miradouros, retículas sobre planos e planaltos e nomeadamente a prova dos limites e a sua força arquitetónica. Vamos concentrar-nos no intervalo geográfico da Europa Central e Meridional e considerar nomeadamente nas áreas medianamente acidentadas — para deixar excluámos as demasiados declivosas, quão sejam os picos dos grandes maciços montanhosos: Alpes, Pirenéus e outros secundários. Se tentarmos supor os percursos de atravessamento a pé, num registo pré-histórico, inicial, verificamos que, por um somatório de razões práticas, os mais utilizados sanado os de acúmen ou negalho de festo. novo lugar, porque ao evitarem o encruzada dos vales, não só têm menos pendentes, quão evitam a passagem dos cursos da água; por último, sanado os percursos mais seguros, uma vez que dominam visualmente os dois vales que dividem. Continuando a considerar nos processos mais simples, mácula ainda mais universais de percorrer e deste modo chegar a determinar um estado, os promontórios naturais têm uma gigantesco importância. Correspondem numa primeira etapa a acampamentos pré- cários e posteriormente a locais especialmente procurados para as mais diversas formas de edificação , mais ou menos intensas e complexas. Casas, “villas”, conventos, castelos, cidades, ocupam num ciclo inicial linhas de festo ou acúmen e nomeadamente promontórios. Num ciclo posterior, e pela imprescindibilidade exercício de reunir o doutrina precedente de festos e promontórios, surgem percursos menos de batalha e de caçada e mais de intercâmbios que interligam na meia vertente o doutrina acessório de linhas de festo e em certa providência duplicam o doutrina de percursos das cumeadas principais. Esta rede percorrível de caminhos, constitui por um sentido o doutrina embrional do intervalo manifesto, e em sentido inverso, define, entre caminhos, o doutrina inicial de subdivisão que permite a firmação dos limites da privatização progressiva dos solos às mais diversas escalas. As linhas, geográfica e topograficamente consagradas a percursos de atravessamento e acesso, têm falalmente um carácter mais manifesto e tendem a inscrever-se fisicamente sobre o estado e lindar os limites e a estrutura cerimonioso do intervalo antropizado. Tendem a consmiir uma primordial infindável e reconhecível que sinal tão o intervalo camponês quão a forma das cidades. Num registo bidimensional, quer as curvas de grau, quer as teias de percursos referidas, têm registos